

Por uma filologia do futuro: o que resta da polêmica entre Wilamowitz e o círculo de Nietzsche para os Estudos Clássicos hoje?

*For a Philology of the Future:
What Does Remain of the Controversy Between Wilamowitz and
Nietzsche's Circle for Classical Studies Today?*

Rafael Guimarães Tavares Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

CAPES

gts.rafa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8985-8315>

Teodoro Rennó Assunção

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

teorenonno@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3349-0643>

Resumo: Com o objetivo de revisitar a recepção do primeiro livro do então jovem filólogo Friedrich Nietzsche, *O nascimento da tragédia a partir do espírito da música*, publicado em 1872, partimos de algumas das principais questões em jogo para o campo da chamada *Altertumswissenschaft* (Ciência da Antiguidade) na segunda metade do século XIX. Após explicitar referências importantes para a fundação moderna desse campo (principalmente Friedrich August Wolf), abordamos os principais documentos publicados na época da polêmica em torno ao livro de estreia de Nietzsche e explicitamos alguns desdobramentos desse violento debate: a nosso ver, as críticas de Wilamowitz à abordagem filológica de Nietzsche, pejorativamente batizada de *Zukunftphilologie* (filologia do futuro), bem como as que Rohde faz a Wilamowitz, referindo-se a uma *Afterphilologie* (filologia retrógrada), junto com as reflexões de Wagner e as do próprio Nietzsche, ainda podem dar a pensar sobre o potencial desse campo para uma ação crítica e criativa no presente.

Palavras-chave: História da educação; História dos Estudos Clássicos; Filologia; Nietzsche; Wilamowitz.

Abstract: In order to revisit the reception of the first book by the young philologist Friedrich Nietzsche, *The Birth of Tragedy from the Spirit of Music*, published in 1872, we depart from some of the main issues at stake for the field of *Altertumswissenschaft* (Science of Antiquity) in the second half of the 19th century. After exploring important references for the modern foundation of this field (mainly Friedrich August Wolf), we approach the main documents published at the time of the controversy surrounding Nietzsche's debut book and explain some developments from this violent debate: in our view, Wilamowitz's criticisms to Nietzsche's philological approach, pejoratively named *Zukunftsphilologie* (philology of the future), as well as Rohde's to Wilamowitz, referring to an *Afterphilologie* (retrograde philology), together also with Wagner's and Nietzsche's own reflections, can still give rise to thinking about the potential of this field for a critical and creative action in the present.

Keywords: History of Education; History of Classical Studies; Philology; Nietzsche; Wilamowitz.

Introdução

“Acredita-se que a filologia está no fim — e eu acredito que ela ainda nem começou.”

Nietzsche (2009), março de 1875¹

“História dos Estudos Clássicos” é um importante subgênero erudito que tem sido praticado – ainda que, a princípio, de forma errática e incipiente – desde a instituição moderna desse campo de estudos, com a proposta de Friedrich August Wolf, em sua célebre *Darstellung der Alterthums-Wissenschaft* (Apresentação da Ciência da Antiguidade), publicada em 1807. Desde então, muitas foram as tentativas de escrever a história dos Estudos Clássicos, remontando à Antiguidade, concentrando-se em períodos específicos do passado europeu ou mesmo na prática da erudição de nações como a Alemanha, a França e os Países Baixos. A primeira empreitada de escopo geral, contudo, precisou esperar os esforços de John Edwin Sandys, que entre 1903 e 1908 publicou sua monumental *A History of Classical Scholarship* em três volumes com mais de 1500 páginas. Depois disso, vieram muitos outros trabalhos, frequentemente apoiados

¹ Tradução nossa. No original: “Man glaubt es sei zu Ende mit der Philologie — und ich glaube, sie hat noch nicht angefangen.”

nos apontamentos de Sandys, como os de Harry Peck (1911), Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff (1921), Gaetano Righi (1962) e Rudolf Pfeiffer (1968, 1976). Como se pode notar, o florescimento do subgênero “História dos Estudos Clássicos” acontece principalmente no século XX e, com a perspectiva proporcionada pela passagem do tempo e pelo distanciamento paulatino do passado, todos os estudiosos dedicados ao tema reconhecem a importância fundamental do trabalho de Friedrich August Wolf.

A história dos Estudos Clássicos pode ser remontada à própria Antiguidade e a maioria desses manuais opera com um esquema epocal triádico, em que são reconhecidas as seguintes referências geográfico-políticas e marcos temporais fundamentais para o desenvolvimento do campo: os filólogos de Alexandria, nos séculos III e II AEC; os renascentistas italianos e europeus (incluindo aí figuras do neoclassicismo francês e de outros países do norte da Europa), entre os séculos XIV e XVIII; e os filólogos das universidades alemãs do século XIX. Evidentemente, entram em consideração outros contextos a depender da ênfase de cada estudioso – pois alguns fazem os Estudos Clássicos remontar ao próprio Homero, outros exploram as conexões possíveis com figuras da Reforma Protestante etc. –, mas as três referências fundamentais continuam a ser as práticas filológicas de Alexandria no período helenístico, as do Renascimento na Europa e as da *Altertumswissenschaft* (Ciência da Antiguidade) na Alemanha do século XIX.

Não problematizaremos aqui a constituição de uma imagem de Friedrich August Wolf como “herói e epônimo do clã dos filólogos alemães” em parte de sua própria obra e de seus contemporâneos:² há muito de idealização nos encômios tecidos a Wolf, mas – ainda assim – é inegável que sua proposta para uma reconfiguração do campo de estudos dedicados à Antiguidade não apenas formaliza algumas tendências já vigentes no início do século XIX, mas precipita outras. Nesse texto, que abre o número

² A expressão é de Niebuhr, que a emprega no encerramento de um texto de 1827, quando vaticina o seguinte numa espécie de oração fúnebre: “Que a memória de Wolf possa se ver livre de toda assertividade histórica e anedótica, a fim de que ele então, a partir da imagem de suas próprias obras-primas, seja celebrado pela posteridade como herói e epônimo do clã dos filólogos alemães.” (NIEBUHR, 1843, p. 227, tradução nossa). No original: Möge Wolfs Andenken von historischer und Anekdotenbestimtheit befreyt, und er dann, nach dem Bild seiner Meisterwerke, als Heros und Eponymus für das Geschlecht deutscher Philologen, von der Nachwelt gefeyert werden.”

inaugural da revista acadêmica *Museum der Alterthums-Wissenschaft*, Wolf propõe um estudo histórico da Antiguidade clássica, capaz de abranger uma compreensão tanto dos textos (por meio da gramática, da crítica e da hermenêutica) quanto da cultura material (por meio da arqueologia, da numismática, da epigrafia etc.); mas que esse estudo histórico não seja um fim em si mesmo, devendo manter sua dimensão paradigmática para a educação da juventude no presente é algo que fica muito evidente, quando Wolf elege os gregos antigos como o modelo de sociedade capaz de atingir elevados graus de cultura espiritual (*Geistescultur*), por oposição aos orientais (incluindo persas, hebreus e egípcios), que teriam desenvolvido apenas civilizações capazes de suprir as necessidades materiais mais básicas por meio “de uma urbana civilidade ou civilização [*bürgerlich Policirung oder Civilisation*]” (WOLF, 1807, p. 16, tradução nossa). Nesse arranjo, em que a posição dos próprios romanos só mantém certa centralidade porque eles são importantes no processo de transmissão do “espírito” dos gregos antigos, é preciso que se alie o rigor da pesquisa histórica e o senso prático de uma educação da juventude a partir de modelos de comportamento. Ou seja, alia-se pesquisa e ensino, *Wissenschaft e Bildung*.³

O plano disciplinar de Wolf é publicado em 1807, na esteira da derrota prussiana para os exércitos de Napoleão na Batalha de Jena. Afastado de sua cátedra na Universidade de Halle, devido à ocupação francesa, o estudioso resolve sintetizar suas reflexões de décadas sobre a história e a prática dos estudos da Antiguidade escrevendo em poucas semanas sua *Darstellung*: a publicação não apenas sai em alemão, mas inclui um longo trecho onde o estudioso justifica a importância de se recorrer a uma língua vernácula para a disseminação da mensagem dos Estudos Clássicos para além dos círculos aristocráticos aos quais até então tinham se restringido (WOLF, 1807, p. 116-22). Wolf coloca-se em sintonia com o espírito de seu próprio tempo, não há dúvidas, mas é curioso que esse ataque contra o uso do latim em publicações eruditas parte do autor que tinha ficado célebre alguns anos antes com seus *Prolegomena ad Homerum* (Prolegômenos a Homero) (WOLF, 1795), escrito num latim julgado delicioso e muito refinado por seus

³ Para referências básicas sobre o tema: READINGS, 1996, p. 62-69; PORTER, 2000, p. 69-81; LEGHISSA, 2007, p. 25-48; COZZO, 2011.

contemporâneos.⁴ Essa reivindicação de se mobilizarem os Estudos Clássicos na língua vernácula dos povos germânicos – em trechos onde certa francofobia emerge indisfarçadamente – sugere o projeto de um Estado-Nação germânico nutrido por muitos intelectuais do período e encontra terreno fértil no plano educacional delineado e estabelecido por Wilhelm von Humboldt: partindo de uma comissão do governo prussiano, desejoso de se atualizar em termos tecnológicos e científicos para fazer frente às demais potências europeias, Humboldt retoma uma ampla discussão sobre o modelo ideal a ser adotado numa universidade moderna; com contribuições de figuras tão ilustres quanto Kant, Fichte e Schelling, esse debate culmina com a fundação da Universidade de Berlim, em 1810, segundo um modelo de produção do conhecimento capaz de aliar *Wissenschaft* e *Bildung* em prol da futura nação alemã, precisamente na linha do que era advogado por Wolf em 1807. Como os estudiosos têm sugerido atualmente, a influência do classicista foi enorme sobre a concepção humboldtiana de universidade moderna e precisa ser levada em conta por quem reflita sobre a amplitude de seu legado.⁵

A questão pode não parecer tão relevante, mas a junção entre pesquisa e ensino é uma transformação fundamental no advento da universidade moderna no século XIX e aparece continuamente debatida pelos filólogos das próximas gerações, incluindo nomes tão diversos e prestigiosos quanto os de Creuzer (1807), Boeckh (1877) e Usener (1907). Apesar desse debate, o estabelecimento de um sistema educacional fundamentado na centralidade dos Estudos Clássicos – devido à sua importância para o sucesso de qualquer jovem estudante do *Gymnasium*, sobretudo em vista de sua posterior carreira acadêmica – parece ter naturalizado para muitos filólogos alemães o prestígio de sua posição, assumido às vezes acriticamente como uma situação inquestionável e inalterável, embora uma série de tensões jamais tenha deixado de operar no interior desse sistema. Com o avanço da *Altertumswissenschaft* e uma produção científica cada vez mais massiva e específica, de interesse cada vez mais estritamente historicista e de caráter cada vez mais abstruso para não especialistas, surgem atritos incontornáveis com a dimensão modelar adotada por uma concepção humanista de educação.

⁴ Apontamentos sobre a recepção dos *Prolegomena ad Homerum* aparecem na introdução que Anthony Grafton, Glenn Most e James Zetzel (1985) escrevem para sua tradução desse texto para o inglês.

⁵ Outras referências sobre o tema incluem ainda: GRAFTON, 1981; HUMMEL, 2000; TURNER, 2014.

“Razão”, “virtude”, “nobreza”, “igualdade”, “liberdade” e outros ideais são escrutinados segundo as particularidades da época em que circularam como noções importantes na Antiguidade e, a partir disso, sua dimensão modelar para o presente frequentemente se dilui, não apenas em meio a uma massa enorme de fontes e nuances de sentido, mas também perante as críticas contundentes a algumas de suas implicações sociais práticas no período em que tinham força discursiva.⁶

Com isso, é natural que surgissem questionamentos às prerrogativas pedagógicas dos Estudos Clássicos: afinal, como justificar institucionalmente o enorme esforço para dominar a gramática de duas línguas antigas e conhecer com detalhes cada vez mais numerosos não apenas sua literatura, sua arte e sua filosofia, mas também sua história, seus costumes, sua religião, sua economia, sua arquitetura etc.? Uma vez que o papel modelar do estudo da Antiguidade clássica se torna cada vez mais passível de questionamento pelos avanços da própria *Altertumswissenschaft*, como justificar a manutenção das prerrogativas pedagógicas da área? A tarefa torna-se cada vez mais difícil desde meados do século XIX e, se culmina nas reformas do ensino alemão nas décadas de 1890 e de 1900 – radicalizadas após o fim da Grande Guerra e a instalação da República de Weimar na década de 1920⁷ –, encontra um de seus mais argutos defensores em Friedrich Nietzsche.

A polêmica em torno a *O nascimento da tragédia*

Filólogo de formação, reconhecido como brilhante por seus professores e indicado precocemente para a cátedra de Filologia Clássica da Universidade da Basileia em 1869 (aos 24 anos de idade, mesmo antes de defender sua tese), Nietzsche revela a mais aguçada compreensão do estado de coisas acima delineado em muitos de seus escritos. Desde sua primeira conferência proferida publicamente como catedrático, em 28 de maio de 1869, sua perspectiva crítica sobre a própria disciplina e sua dimensão profissional fica muito evidente:

Sobre a filologia clássica não há em nossos dias uma opinião uniforme e clara que possa ser reconhecida publicamente. Isso se faz sentir

⁶ Análises de diferentes aspectos desse processo são oferecidas por CANFORA, 1980, p. 11-30; HARTOG, 2003; BRUHNS, 2005; e HÜBSCHER, 2016, p. 18-54. Para uma crítica à oposição simples entre abordagens humanistas e historicistas: PORTER, 2000, p. 248-286.

⁷ Sobre o processo: RINGER, 2001; HÜBSCHER, 2016, p. 44-53.

tanto nos círculos eruditos como em meio aos mais jovens daquela ciência mesma. A causa [disso] reside em seu caráter multifacetado, na falta de unidade conceitual, no estado inorgânico de agregação das diversas atividades científicas que estão coligadas apenas pelo nome “filologia”. (NIETZSCHE, 2006, p. 179)

Essa conferência tem por título *Homero e a filologia clássica*, com uma ênfase não desprezível no papel que a figura poética central do cânone humanista continua a desempenhar na prática filológica de então. Criticando a situação atual, em que se testemunha um desinteresse generalizado pelos problemas filológicos, Nietzsche propõe que a culpa por isso não seria estritamente da sociedade moderna, mas do tipo de tratamento que a *Altertumswissenschaft* teria passado a propor para abordar seu objeto. O alvo principal dessa conferência é a concepção historicista sobre Homero – que, a partir das empreitadas analíticas, o transforma em assunto científico e de interesse social limitadíssimo⁸ –, mas, ao mesmo tempo, busca denunciar os efeitos paralizantes das abordagens historicistas de modo geral e sua dimensão nociva para a prática dos Estudos Clássicos no presente. Que se levem em conta as palavras finais da conferência:

[A]jo filólogo cabe imprimir a meta de suas aspirações e o caminho para elas na fórmula breve de uma confissão de fé; e, sendo assim, que isto seja feito invertendo uma frase de Sêneca: “*philosophia facta est quae philologia fuit*” [a filosofia é feita do que tinha sido a filologia]. Com isso, deve pronunciar-se [o fato de] que toda e qualquer atividade filológica deve ser abarcada e cercada por uma cosmovisão filosófica [*philosophische Weltanschauung*], na qual tudo o que é particular e isolado seja dissipado, enquanto rejeitável, e apenas subsistam o todo e a uniformidade. E, assim, deixai-me esperar que com esta orientação não venha a me tornar um estranho entre vós; dai-me a confiança de que eu, trabalhando com esta convicção, também estarei em posição de corresponder condignamente à distinta confiança que as altas instituições desta comunidade têm mostrado para comigo. (NIETZSCHE, 2006, p. 179, tradução de Juan Bonaccini modificada)⁹

⁸ Uma introdução em língua portuguesa a esse complexo debate é oferecida por MALTA, 2015.

⁹ Texto publicado originalmente em 1869.

Ora, o que Nietzsche formaliza com a publicação de *O Nascimento da tragédia a partir do espírito da música*, em 1872, é precisamente uma tentativa de deixar sua atividade filológica ser abarcada e cercada por uma philosophische Weltanschauung: apoiando-se na filosofia de Schopenhauer e nas intuições musicais de Wagner, o filólogo especula não apenas sobre o nascimento da tragédia entre os gregos antigos, mas propõe uma espécie de crítica da cultura do período clássico, assumindo uma visão negativa sobre o que chama de “socratismo” e suas influências decadentistas, e ainda busca traçar uma série de paralelos com o próprio presente, a partir da revolução operística wagneriana. O fato de que a unificação da Alemanha tenha ocorrido em 1871 e fosse um assunto incontornável nos debates dos círculos intelectuais germânicos não é de pouca importância para o tipo de proposta comparativa que está na base da obra de Nietzsche.¹⁰ parece haver aí uma tentativa de explorar o caráter paradigmático que a Antiguidade ainda poderia desempenhar no presente, mesmo que recorrendo a algo diverso dos paradigmas tradicionais de idealização da “razão” e do “bem”.¹¹

Não entraremos em detalhes dos pressupostos metafísicos dessa obra, ou mesmo de suas hipóteses polêmicas de interpretação da origem e declínio da tragédia antiga, mas gostaríamos de sugerir que suas idiossincrasias em termos do que era (e, em larga medida, continua sendo) a forma de argumentar e citar as fontes num trabalho acadêmico dos Estudos Clássicos e seu engajamento com temas do presente fazem parte de sua atitude crítica perante os pressupostos historicistas da área. Como temos sugerido, a polêmica se

¹⁰ A dimensão nacionalista das concepções iniciais do jovem filólogo aparece em várias de suas publicações da época e são enfatizadas por seus apoiantes como pontos positivos: “Desse modo, podemos esperar que a obra tenha repercussão junto ao povo alemão, e que sua repercussão cresça junto com a grande influência do mais nobre entusiasmo artístico que, justamente nestes dias, estabelece em Beyruth o fundamento seguro para um templo em honra da nação alemã.” (ROHDE, 2005a, p. 54); “O que esperamos do senhor [Nietzsche] só pode ser a tarefa de toda uma vida, e na verdade da vida de um homem de quem temos grande necessidade. O senhor se anuncia como um homem assim a todos aqueles que exigem das fontes mais puras do espírito alemão, da profunda e íntima seriedade que esse espírito dedica a tudo o que faz, esclarecimentos e orientações acerca do modo de ser que a cultura alemã deve assumir caso pretenda ajudar a nação, que volta a se erguer, a alcançar seus objetivos mais nobres.” (WAGNER, 2005, p. 86).

¹¹ Sobre as contradições e o possível sentido irônico dos argumentos de Nietzsche nessa obra, a partir de uma análise de seu contexto intelectual: PORTER, 2000, p. 225-248.

desdobra a partir do problema que poderia ser colocado nos seguintes termos: de que forma a história pode se revelar útil para a vida? Ou – no que viria a ser o título da segunda de suas *Considerações extemporâneas* – “Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida” (1976).¹² Nietzsche, por um lado, rechaça o tipo de engajamento ético proposto pela abordagem humanista e, por outro, critica as pretensões de um frio distanciamento científico preconizado pela abordagem historicista, buscando encontrar uma via alternativa para fazer com que o estudo da Antiguidade se torne consciente daquilo que é: uma dimensão fundamental da Modernidade.

De que essa seja uma das questões centrais para o pensamento filosófico de Nietzsche nesse período – embora acreditemos ser possível demonstrar que isso o persegue até suas últimas obras, mesmo muitos anos após precisar abandonar a carreira universitária como filólogo, em 1879 – a recepção imediata de *O nascimento da tragédia* não deixa dúvidas. Em primeiro lugar, cumpre destacar o silêncio ameaçador que circunda a obra nos círculos eruditos. Não que isso fosse surpresa para os mais próximos de Nietzsche, como demonstra sua correspondência da época.¹³ Tentando confrontar esse incômodo silêncio, Erwin Rohde – um amigo de juventude, também filólogo – incumbe-se de publicar uma resenha instando estudiosos da área a levarem a sério as propostas de *O nascimento da tragédia*. Ele inicia tanto a versão recusada de sua resenha quanto a versão aceita e publicada, aludindo ao distanciamento de abordagens historicistas e fazendo uma defesa da legitimidade de propostas filosóficas em investigações científicas dedicadas a fenômenos históricos de importância estética, como é o caso do surgimento da tragédia na Antiguidade: “Não se costuma mais voar assim tão alto; descemos à terra firme da história, e a estética se tornou quase uma disciplina histórica”, lamenta-se Rohde (2005b, p. 45).¹⁴

Wilamowitz-Moellendorff, por outro lado, em seu panfleto satírico, ironicamente intitulado *Zukunftsphilologie* (Filologia do futuro), ataca não apenas a dimensão “não científica” da obra, mas o anacronismo de seus pressupostos filosóficos schopenhauerianos e de suas preocupações estéticas wagnerianas. Numa passagem longa, mas muito emblemática, fica evidente a importância dessa questão para todo o debate:

¹² Texto publicado originalmente em 1874.

¹³ Referências em SILK e STERN (1981, p. 38-9).

¹⁴ Texto publicado originalmente em 1872.

Apoiando-se em dogmas metafísicos, que precisaram do “assentimento de Richard Wagner para a confirmação de sua eterna verdade” (§ 16), o senhor Nietzsche reconhece o que pode ter de insólito a comparação com os fenômenos do presente (§ 15); aliás, essa comparação foi justamente a origem de suas “esplêndidas experiências”. É possível confessar ingenuamente um *próton pseûdos* [erro primordial]? Assim, porque Richard Wagner “atestou como eternamente verdadeira, por meio de seu assentimento”, a posição excepcional que Schopenhauer atribui à música em relação a todas as outras artes, era preciso encontrar a mesma concepção na tragédia antiga. Esse caminho é diretamente oposto ao que os heróis de nossa ciência e, enfim, os de toda verdadeira ciência percorreram, sem se deixar afetar por uma presunção a respeito do resultado final, honrando apenas a verdade de avançar de conhecimento em conhecimento, de compreender cada fenômeno histórico somente a partir das condições da época em que eles se desenvolveram e de ver sua justificativa na própria necessidade histórica. De fato, esse método histórico-crítico, pelo menos em princípio um bem comum da ciência, contrapõe-se diretamente a uma maneira de consideração que, ligada a dogmas, tem sempre que buscar a confirmação de tais dogmas. O senhor Nietzsche também não podia escapar a essa contraposição. Sua saída é denegrir o método histórico-crítico (§ 23), injuriar toda concepção estética que se afasta da sua (§ 22), atribuir à época em que a filologia se elevou na Alemanha a uma altura nunca imaginada, sobretudo com Gottfried Hermann e Karl Lachmann, “um total desconhecimento dos estudos antigos” (§ 20). (WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, 2005, p. 58)¹⁵

A polêmica gira em torno do que poderia ser o tipo de engajamento com o presente por parte de quem pratica a história da Antiguidade clássica, principalmente no contexto específico da Modernidade: definir modelos ideais e atemporais de comportamento (humanismo), produzir conhecimentos sobre o passado como um fim científico em si mesmo (historicismo) ou que outra possibilidade? Tal como sugerido pelo estudo de James Porter (2000, p. 265-273), as relações entre o humanismo e o historicismo são muito mais imbricadas em textos de Winckelmann, Humboldt, Wolf e outros autores desse período do que as sugestões de mera oposição pareceriam indicar. Ainda assim, é inegável que – no âmbito dos escritos de Nietzsche – pressupostos humanistas e historicistas são colocados

¹⁵ Texto publicado originalmente em 1872.

em contradição e explicitamente explorados para delinear suas implicações sobre todo o estudo moderno da Antiguidade clássica. Daí a dificuldade de se definir a posição de Nietzsche nos debates dessa época e sintomático disso é o processo de marginalização profissional e disciplinar que ele veio a conhecer nos anos subsequentes a esse debate público.

Wagner, em sua carta aberta a Nietzsche, defende a abordagem de fenômenos estéticos do passado a partir de um engajamento filosófico com o presente, aproveitando para criticar acerbamente a esterilidade das práticas da Filologia Clássica de sua época. Além de denunciar certos procedimentos científicos como expedientes retóricos destinados a esconder a indigência intelectual dos filólogos contemporâneos,¹⁶ Wagner faz um questionamento que não deixa de soar pertinente ao problema do autotelismo de certas áreas acadêmicas até os dias de hoje:

[S]ão os próprios filólogos que se instruem uns aos outros, e é de se supor que façam isso unicamente com o objetivo de adestrar apenas novos filólogos, ou seja, apenas professores de ginásio e professores universitários que, por sua vez, formarão novos professores de ginásio e professores universitários. (WAGNER, 2005, p. 81-82)

O tema volta a aparecer nos desdobramentos da polêmica, que incluem ainda: i) a carta aberta de Rohde a Wagner, na qual rebate as acusações de Wilamowitz (a publicação é intitulada *Afterphilologie*, segundo uma expressão que pode ser traduzida como “Filologia retrógrada”, mas que inclui um picresco jogo de linguagem com o substantivo “After” em alemão, cujo sentido é “ânus”); ii) uma réplica de Wilamowitz, escrita como forma de reiterar o ataque a Wagner, Rohde e Nietzsche, mas que se pretende também uma defesa de um ideal impessoal de *Wissenschaft*. Apesar da baixeza de alguns ataques *ad hominem* durante toda essa polêmica,

¹⁶ Nesse texto, publicado originalmente em 1872, o autor afirma: “[A] comunicação que esperamos, de algo grandioso e apropriado, parece ser muito difícil de expressar: assim, acabamos dominados por um receio singular, quase inquietante, como se temêssemos a necessidade de admitir que, sem todos os atributos misteriosos a que a filologia dá importância, sem todas as citações, notas e trocas de cumprimentos entre os grandes e pequenos especialistas, se quiséssemos expor simplesmente o conteúdo sem todas essas preliminares, descobriríamos a pobreza aflitiva de toda a ciência filológica, uma pobreza que ela tornou sua propriedade” (WAGNER, 2005, p. 82-83). Esse mesmo ponto aparece explorado de forma mordaz por um artigo de Nimis (1984).

questões fundamentais são debatidas e gostaríamos de destacar um último trecho especialmente significativo para nossa proposta aqui: trata-se do encerramento da carta aberta de Rohde a Wagner, quando, após mencionar a importância que o estudo do passado pode ter para a Humanidade (desde que baseada na crença em uma “humanidade una e imortal”), ele menciona explicitamente Friedrich August Wolf e sua *Darstellung der Alterthums-Wissenschaft*, além de Friedrich Schiller, e completa afirmando:

Nosso amigo [Nietzsche] se associa, com prazer, de todo coração, a esses esforços alemães vivos e atuais, realizados por um grande e célebre artista [Wagner]. Ele tem o direito de acreditar que, com isso, não está abandonando sua ciência histórica da Antiguidade grega, mas a assumiu em sua vitalidade mais profunda. São necessárias coragem e confiança no valor de sua causa para se expor, em plena consciência, por meio da publicação de tal livro, aos julgamentos voluntária ou involuntariamente injustos dos colegas mais próximos. Nosso amigo adquiriu essa confiança sobretudo, caro mestre [Wagner], a partir da esperança generosa e inabalável do senhor, a partir da sua ação conduzida pela certeza, plena de esperança, que supera a “resistência do mundo obtuso” e se dirige a uma consumação esplêndida. Nessa confiança de que o futuro possa esperar uma vida de prosperidade, a partir dos esforços mais nobres do presente, ele certamente transformará em um presságio afortunado a maldade do difamador que pensou infligir-lhe um verdadeiro sofrimento com o título “Filologia do futuro!”. Quem conhece o porvir? Mas podemos desejar e esperar, sem presunção, que nosso amigo siga seu caminho sem se desviar e possa vir a ser, justamente como um autêntico filólogo, “um cidadão dos que estão por vir”. (ROHDE, 2005a, p. 127-128)

Para além da retórica carregada do trecho, temos aí uma das mais claras apreciações do que Nietzsche propõe em sua abordagem da Antiguidade clássica – incluindo ainda uma sugestão do que viria a desenvolver em suas reflexões filosóficas posteriores – e acreditamos que já estejam suficientemente definidos os principais posicionamentos no âmbito dessa polêmica.¹⁷

Desdobramentos

¹⁷ Para referências sobre o tema: SILK e STERN, 1981; CALDER, 1983; MANSFELD, 1986; PORTER, 2000, 2011; MACHADO, 2005; HÜBSCHER, 2016, P. 32-44.

Não dispomos do espaço necessário para desenvolver a contento as implicações de um debate como esse para a disciplina e a profissão de classicista nos dias de hoje, mas acreditamos que o tema tenha se tornado ainda mais relevante no contexto contemporâneo: não apenas os Estudos Clássicos se encontram fundamentalmente destituídos de prestígio social ou institucional, mas parecem estar na mira de pressões administrativas de viés neoliberal, enfrentando o fogo cruzado entre progressistas (com lutas identitárias e reivindicações por justiça social), por um lado, e, por outro, conservadores (com demandas reacionárias e leituras frequentemente a-históricas). Assim, acreditamos que certos desdobramentos da polêmica entre Wilamowitz e o círculo de Nietzsche ainda oferecem matéria para importantes reflexões.

Embora tenha se colocado como aguerrido defensor do “método histórico-crítico” durante toda a polêmica – e em muitos outros momentos de sua brilhante carreira como o mais influente classicista da passagem do século XIX para o XX –, Wilamowitz parece ter se dado conta rapidamente das limitações e contrassenso de abordagens estritamente historicistas. Essa percepção decerto fica muito aguda com os debates de 1890 sobre a reforma do ensino na Alemanha e, ainda que outros trechos de seus discursos pudesse ser mencionados para sugerir isso, a conclusão de sua conferência ministrada em Oxford (e traduzida para o inglês por Gilbert Murray), em 1907, *On Greek Historical Writing*, é um trecho bastante emblemático da ambiguidade que caracteriza a atitude geral do estudioso com relação ao tema. Depois de elogiar o trabalho de historiadores tradicionais como Posidônio e Tácito, entre os antigos, Gibbon e Mommsen, entre os modernos, ele afirma:

A tradição oferece-nos apenas ruínas. Quanto mais nos aproximamos para testá-las e examiná-las, tanto mais claramente notamos quão arruinadas estão; e, a partir de ruínas, não é possível construir um todo. A tradição está morta; nossa tarefa é revivificá-la. Sabemos que fantasmas não podem falar até que tenham bebido sangue; e os espíritos que invocamos demandam o sangue de nossos corações. Oferecemo-lo de bom grado; mas se eles então passam a habitar nossa questão, algo de nós entrou neles; algo alheio, que precisa ser extraído, extraído em nome da verdade! Pois a Verdade é uma deusa exigente; ela não conhece o respeito por nomes e sua aia, a Ciência, continua sempre adiante, para além de Posidônio e Tácito, para além de Gibbon e Mommsen, embora, tanto quanto sua arte os

tenha enobrecido, as obras desses homens devam perdurar. Uma vez que temos sobre os gregos a vantagem de possuir a ciência da história, mesmo o maior dentre nós não pode mais reclamar o tipo de autoridade que pertenceu por séculos até a um homem como Lívio. Mas quem quer que seja digno de servir a deusa imortal se resigna alegremente à vida transitória de suas obras. E ele tem também o conforto de que na Ciência não há derrota, desde que a tocha seja passada ainda acesa para um sucessor. (WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, 1908, p. 25-26, tradução nossa)¹⁸

O trecho é interessantíssimo não apenas pela ambiguidade com que explora o que deve haver de presente em toda e qualquer investigação do passado, mas também porque recorre a algumas imagens dignas de nota para a presente argumentação. Em primeiro lugar, a dos fantasmas do passado que precisam receber sangue para conseguir falar no presente. Embora tenha *pedigree* homérico (*Odisseia* 11.140-149), essa imagem parece ter sido empregada e formulada nesse sentido pela primeira vez por ninguém menos do que o próprio Nietzsche: no aforismo de n. 126 de *Opiniões e sentenças diversas*,¹⁹ retomadas depois em *Humano, demasiado humano II*,²⁰ o filósofo fala da necessidade de oferecer o próprio sangue para animar – conforme a alma de cada um – as obras do passado, fazendo com que

¹⁸ No original em inglês: “The tradition yields us only ruins. The more closely we test and examine them, the more clearly we see how ruinous they are; and out of ruins no whole can be built. The tradition is dead; our task is to revivify life that has passed away. We know that ghosts cannot speak until they have drunk blood; and the spirits which we evoke demand the blood of our hearts. We give it to them gladly; but if they then abide our question, something from us has entered into them; something alien, that must be cast out, cast out in the name of truth! For Truth is a stern goddess; she knows no respect of persons, and her hand-maid, Science, strides ever onward, beyond Posidonus and Tacitus, beyond Gibbon and Mommsen, even though, so far as art has ennobled them, these men’s works may endure. Because we have over the Greeks the advantage of possessing a science of history, the greatest of us can no longer claim the sort of authority which belonged for centuries even to a man like Livy. But he who is worthy to serve the immortal goddess resigns himself gladly to the transitory life of his works. And he has also the comfort that in Science there is no defeat, if only his torch is handed on still burning to his successor.”

¹⁹ Obra publicada originalmente em 1879.

²⁰ Obra publicada originalmente em 1886.

sejam capazes de se comunicar.²¹ A imagem é retomada no aforismo de n. 408, que encerra a coletânea e se intitula *Descida ao Hades*, tendo uma dimensão programática evidente desde suas palavras iniciais: “Também eu estive no mundo inferior, como Ulysses, e frequentemente para lá voltarei; e não somente carneiros sacrificiei, para poder falar com alguns mortos: para isso não poupei meu próprio sangue.” (NIETZSCHE, 2008, p. 126). Wilamowitz certamente está a par do emprego dessa imagem por Nietzsche no momento em que se apresenta em Oxford, não sendo insignificante que, enquanto o título de sua primeira conferência é *On Greek Historical Writing*, o da segunda (proferida por ele no dia seguinte) seja *Apollo* e aborde a história da constituição gradual desse deus (segundo uma interpretação em franca contraposição à leitura nietzschiana de *O nascimento da tragédia*). Em todo caso, é possível que Wilamowitz já conhecesse essa imagem há muito mais tempo,²² sendo que surpreendentemente não há como negar aí algo de comum com Nietzsche numa relação não idealizada e vivificante com a tradição cultural do chamado Ocidente.²³ Em segundo lugar, cumpre destacar ainda a imagem da tocha da Ciência como símbolo da transmissão do conhecimento desde a Antiguidade até os dias de hoje, porque ela aparece empregada como uma espécie de *leitmotiv* ao longo de toda a sua *História da filologia* (WILAMOWITZ, 1998).²⁴

Se com o passar do tempo a atitude de Wilamowitz torna-se mais ambígua quanto à pretensa dicotomia entre o historicismo (em sua

²¹ O trecho mais significativo do aforismo é o seguinte: “[D]evemos negar aos que vêm depois o direito de animar conforme sua alma as obras do passado? Não, pois somente ao lhes darmos nossa alma elas continuam vivendo: apenas *nossa* sangue faz com que *nos* falem. A execução realmente ‘histórica’ falaria de modo espectral para espectros.” (NIETZSCHE, 2008, p. 51).

²² A esse respeito, a frase de uma carta que Wilamowitz envia em 1883 a seu professor, Hermann Usener, parece aludir à ideia: “A poesia antiga (e, naturalmente, a lei, a crença e a história) está morta: nossa tarefa é vivificá-la” (WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, 1883 *apud* DIETERICH; HILLER, 1934, p. 28, tradução nossa). Uma breve retrospectiva do emprego de imagens espetrais e mortuárias para se tematizar a relação entre o presente e o passado, no campo de estudos da Antiguidade desde o século XVIII, é oferecida por Porter (2000, p. 411, n. 209).

²³ Essa proximidade entre certos aspectos das obras de Wilamowitz e Nietzsche são apontados por Porter (2000, p. 269-271).

²⁴ Para uma exposição dos posicionamentos de Wilamowitz a partir de uma interpretação das conferências proferidas na Universidade de Oxford em 1907: FOWLER, 2009.

proposta de leitura científica do passado, em chave descritiva) e, por outro lado, o humanismo (em sua abordagem idealizadora, segundo interesses prescritivos), é possível dizer que Nietzsche busca – e encontra – uma via alternativa às aporias dos discursos sobre a Antiguidade clássica. Beneficiando-se das investigações sobre o tema propostas na segunda das *Considerações extemporâneas*, onde delineia uma interessante tipologia triádica sobre as formas de engajamento significativo com o passado no presente,²⁵ o estudioso empreende esforços notáveis para se posicionar criativamente perante a questão. A nosso ver, é possível escutar os ecos distorcidos dessa discussão sobre humanismo e *Altertumswissenschaft* mesmo nos títulos de obras como *Humano, demasiado humano* e *A gaia ciência* (no original alemão, *Die fröhliche Wissenschaft*), como se Nietzsche estivesse buscando uma alternativa a ambas.²⁶ O que emerge do tratamento disperso e fragmentário que o filósofo dedica ao tema é o seguinte: uma abordagem historicista dos gregos antigos oferece subsídios para que – compreendendo a profunda estranheza desses que foram e talvez continuem sendo modelos para nós – sejamos capazes de contemplar a própria estranheza daquilo que nos é constitutivo. Nesse sentido, os gregos antigos surgem para Nietzsche como uma espécie de “nós, outros”. Pelo menos é assim que interpretamos o que fica sugerido em parte do aforismo de n. 452, de *Humano, demasiado humano*:

²⁵ O trecho em que essa tipologia aparece sintetizada é o seguinte: “Cada uma das três variedades de história tem um campo próprio e um clima próprio; fora, prolifera uma vegetação parasita e devastadora. Quando o homem que quer criar grandes coisas precisa do passado, usa a história *monumental*. Ao contrário, quem quer perpetuar o que é habitual e venerado de há muito, encara o passado como *antiquário* e não como historiador. Aquele que é apanhado pela necessidade presente e que se quer ver livre de seu peso, precisará de uma história *crítica*, isto é, que julga e que condena. A transplantação imprudente destas diversas espécies é fonte de muitas desgraças. O crítico sem necessidade, o antiquário sem piedade, o perito sem poder criador são plantas que degeneraram, por terem sido arrancadas ao seu terreno.” (NIETZSCHE, 1976, p. 124).

²⁶ O que diz o aforismo intitulado “A futura ‘humanidade’”, o de n. 337 de *A gaia ciência*, parece conter uma síntese disso, corroborando nossa leitura da importância desses temas para a reflexão nietzschiana. Isso aparece de forma ainda mais concentrada no aforismo de n. 178 de *O andarilho e sua sombra*, retomado em *Humano, demasiado humano II* (2008, p. 196): “Acessórios de toda veneração. — Onde quer que se venere o passado, não se deve permitir a entrada dos que limpam esmeradamente. A piedade não fica à vontade sem um pouco de poeira, sujeira e porcaria.”

O passado inteiro da cultura antiga foi construído sobre a violência, a escravidão, o embuste, o erro; mas nós, herdeiros de todas essas situações, e mesmo concreções de todo esse passado, não podemos abolir a nós mesmos, nem nos é permitido querer extrair algum pedaço dele. (NIETZSCHE, 2000, p. 220)²⁷

Ou ainda no aforismo de n. 218 de *Opiniões e sentenças diversas*:

Os gregos como intérpretes. — Ao falarmos dos gregos, involuntariamente falamos de hoje e de ontem ao mesmo tempo: sua história, por todos conhecida, é um reluzente espelho, que sempre reflete o que não se acha nele próprio. Usamos a liberdade de falar deles para poder silenciar a respeito de outros — a fim de que eles mesmos falem algo no ouvido do leitor meditativo. Assim os gregos facilitam ao homem moderno a comunicação de várias coisas dificilmente comunicáveis e que fazem refletir. (NIETZSCHE, 2005, p. 80)

Nietzsche inaugura assim uma forma de abordagem da Antiguidade clássica que, enquanto questiona sua dimensão modelar para o presente (ao modo humanista), mantém sua importância como meio de reflexão engajada com ele, na medida em que oferece um material dotado, a um só tempo, de “alteridade” e “ipseidade”, “estranheza” e “familiaridade”. Algo, portanto, da ordem de uma certa *Unheimlichkeit* (“não familiaridade” ou “íntima estranheza”). E é precisamente essa via que vem a ser explorada por alguns dos mais instigantes estudos da Antiguidade propostos durante o século XX: dos ritualistas de Cambridge (Gilbert Murray, Jane Ellen Harrison e Francis Cornford), passando por figuras como E. R. Dodds, até Jean-Pierre Vernant, Nicole Loraux, Marcel Detienne e Walter Burkert, os gregos antigos surgem provocativamente como uma espécie de *strangers within* para a contemporaneidade.

Nesse sentido, a profecia de Rohde para Nietzsche parece ter se concretizado. Afinal, dos filólogos envolvidos na querela em torno à

²⁷ O potencial pedagógico do estranhamento aparece explicitamente explorado ainda em *Humano, demasiado humano*, no aforismo de n. 616: “*Alienado do presente.* — Há grandes vantagens em alguma vez alienar-se muito de seu tempo e ser como que arrastado de suas margens, de volta para o oceano das antigas concepções do mundo. Olhando para a costa a partir de lá, abarcamos pela primeira vez sua configuração total, e ao nos reaproximarmos dela teremos a vantagem de, no seu conjunto, entendê-la melhor do que aqueles que nunca a deixaram.” (NIETZSCHE, 2000, p. 260).

publicação de *O nascimento da tragédia*, ele é quem tem o papel de maior destaque nos dias de hoje como “um cidadão dos que estão por vir”.²⁸ A autorreferida extemporaneidade de Nietzsche talvez já indicasse algo nessa linha (como sugerem os fragmentos de n. 337 e 377, de *A gaia ciência*), mas não acreditamos que isso encerre o problema. Qualquer classicista – e mesmo qualquer pessoa engajada seriamente com o estudo da História – nos dias de hoje precisa refletir e se posicionar sobre a forma como seu estudo participa do presente. Ao fim e ao cabo, a resposta de cada pessoa talvez esteja sempre fadada a se desdobrar a partir do que permanece por vir.

Referências

- BOECKH, August. *Encyklopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften*. Hrsg. von E. Bratuscheck. Leipzig: B. G. Teubner, 1877.
- BRUHNS, Hinnerk. Grecs, Romains et Germains au XIXe siècle : quelle Antiquité pour l’État national allemand. *Anabases*, v. 1, p. 17-43, 2005.
- CALDER, William M., III. The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: New Documents and a Reappraisal. *Nietzsche Studien*, v. 12, p. 214-254, 1983.
- COZZO, Andrea. F. A. Wolf, la Scienza dell’Antichità e noi: Come possiamo uscire dal XIX secolo ? *Mètis*, n. 9, p. 339-364, 2011.
- CREUZER, Friedrich. *Das akademische Studium des Alterthums, nebst einem Plane und des philologischen Seminarium auf der Universität zu Heidelberg*. Heidelberg: Mohr & Zimmer, 1807.
- DIETERICH, Hermann; HILLER, Friedrich (Eds.). *Usener und Wilamowitz: Ein Briefwechsel (1870-1905)*. Leipzig, Berlin: B. G. Teubner, 1934.
- FOWLER, Robert L. Blood for the Ghosts: Wilamowitz in Oxford. *Syllecta Classica*, v. 20, p. 171-213, 2009.
- FRIES, Almut. Martin Litchfield West (1937-2015). *Studia Metrica et Poetica*, v. 2, n. 2, p. 152-158, 2015.

²⁸ Ainda assim, todos os nomes envolvidos na querela revisitada aqui têm uma grandeza intelectual reconhecida atualmente. Para um classicista representativo do século XX como Martin L. West, Wilamowitz constitui o modelo máximo de prática filológica (FRIES, 2015, p. 152), enquanto outra figura igualmente importante para a área, Gregory Nagy, retorna com frequência ao livro monumental de Rohde, *Psyche* (1890-1894). No campo da música, o amplo reconhecimento público de Wagner dispensa detalhes.

GRAFTON, Anthony. Wilhelm von Humboldt. *The Phi Beta Kappa Society*, v. 50, n. 3, p. 371-381, 1981.

GRAFTON, Anthony; MOST, Glenn; ZETZEL, James. Introduction. In: WOLF, Friedrich August. *Prolegomena to Homer*: 1795. Translated with Introduction and Notes by Anthony Grafton, Glenn Most and James Zetzel. New Jersey: Princeton University Press, p. 1-35, 1985.

HARTOG, François. O confronto com os antigos. In: HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Organização de José Otávio Guimarães; tradução de Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 113-154.

HÜBSCHER, Bruno. *Werner Jaeger e o “Terceiro Humanismo”*: O ideal político antigo na Alemanha, 1914-1936. 2016. 236f. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

HUMMEL, Pascale. *Histoire de l'histoire de la philologie*: Étude d'un genre épistémologique et bibliographique. Genève: Librairie Droz, 2000.

LEGHISSA, Giovanni. *Incorporare l'antico*: Filologia classica e invenzione della modernità. Udine: Mimesis Edizioni, 2007.

MACHADO, Roberto. Introdução: Arte, ciência, filosofia. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polémica sobre ‘O nascimento da tragédia’*. Texto de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 7-34.

MALTA, André. *A musa difusa*: visões da oralidade nos poemas homéricos. São Paulo: Anna Blume Clássica, 2015.

MANSFELD, Jaap. The Wilamowitz-Nietzsche Struggle: Another New Document and Some Further Comments. *Nietzsche Studien*, v. 15, n. 1, 1986, p. 41-58.

NIEBUHR, Barthold Georg. Die Sikeler in der Odyssee. 1827. In: NIEBUHR, B. G. *Kleine historische und philologische Schriften*. 2. Sammlung. Bonn: Eduard Weber, 1843. p. 224-227. Original publicado em 1827.

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações intempestivas*. Tradução de Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1976. Original publicado em 1874.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Original publicado em 1882.

NIETZSCHE, Friedrich. Homero e a filologia clássica. Tradução de Juan A. Bonaccini. *Princípios*, v. 13, n. 19-20, p. 169-199, 2006. Original publicado em 1869.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Original publicado em 1878.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano II*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Original publicado em 1886.

NIETZSCHE, Friedrich. Nachgelassene Fragmente. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*. Paris: 2009. Disponível em: <[http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,3\[70\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,3[70])>. Acesso em 03 abr. 2021. Original publicado em 1875.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia. Ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Original publicado em 1872.

NIMIS, Steve. Fussnoten: Das Fundament der Wissenschaft. *Arethusa*, v. 17, n. 2, 1984, p. 105-134.

NORTON, Robert. Wilamowitz at War. *International Journal of the Classical Tradition*. v. 15, n. 1, p. 74-97, 2008.

PECK, Harry Thurston. *A History of Classical Philology*: From the Seventh Century B.C. to the Twentieth Century A.D. New York: The MacMillan Company, 1911.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship*: From the beginnings to the End of the Hellenistic Age. Oxford: Clarendon Press, 1968.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship*: From 1300 to 1850. Oxford: Clarendon Press, 1976.

PORTER, James I. “Don’t Quote Me on That !”. *Journal of Nietzsche Studies*, v. 42, n. 1, 2011, p. 73-99.

PORTER, James I. *Nietzsche and the Philology of the Future*. Stanford: Stanford University Press, 2000.

READINGS, Bill. *University in Ruins*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

RIGHI, Gaetano. *Breve storia della Filologia Classica*. Roma: G. C. Sansoni Editore, 1962.

RINGER, Fritz. *Declínio dos Mandarins Alemães: A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890-1933*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edusp, 2001.

ROHDE, Erwin. Filologia retrógrada [Afterphilologie]. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polémica sobre ‘O nascimento da tragédia’*. Texto de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a, p. 87-128.

ROHDE, Erwin. *Psyche: Seelencult und Unsterblichkeitsglaube der Griechen*. Freiburg im Breisgau: Mohr, 1890-1894.

ROHDE, Erwin. Resenha publicada no *Nordeutsche Allgemeine Zeitung* de 26 de maio de 1872. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polémica sobre ‘O nascimento da tragédia’*. Texto de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorf. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005b, p. 43-54.

SANDYS, John Edwin. *A History of Classical Scholarship*. 3 v. Cambridge: University Press, 1903–1908.

SILK, Michael Stephen; STERN, Joseph Peter. *Nietzsche on tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

TURNER, James. *Philology: The Forgotten Origins of the Modern Humanities*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2014.

USENER, Hermann. Philologie und Geschichtswissenschaft 1882. In: USENER, Hermann. *Vorträge und Aufsätze*. Leipzig; Berlin: B. G. Teubner, p. 1-36, 1907. Original publicado em 1882.

WAGNER, Richard. Carta aberta a Friedrich Nietzsche, publicada no *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* de 23 de junho de 1872. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polémica sobre ‘O nascimento da tragédia’*. Texto de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 79-86.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Ulrich von. Filologia do futuro! Primeira Parte. Berlim, 1872. In: MACHADO, Roberto (org.). *Nietzsche e a polémica sobre ‘O nascimento da tragédia’*. Texto de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Möllendorf. Tradução de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 55-78.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Ulrich von. *Geschichte der Philologie*. Mit einem Nachwort und Register von Albert-Henrichs. 3. Auflage. Stuttgart; Leipzig: Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, 1998. Original publicado em 1921.